

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

VIOLA, Eduardo. Eduardo Viola (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 15min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSITY OF SYDNEY e AUSTRALIAN RESEARCH COUNCIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Eduardo Viola
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Brasília - DF - Brasil;

Data: 13/11/2014 a 13/11/2014

Duração: 1h 15min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Global Arenas of Knowledge”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a University of Sydney e financiado pelo Australian Research Council, entre agosto de 2013 e dezembro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a produção de artigos acadêmicos e paper em congressos.

Temas: Acordos e tratados internacionais; Atividade acadêmica; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Ecologia; Formação acadêmica; Intercâmbio científico e tecnológico; Meio ambiente; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Políticas públicas; Relações internacionais; Universidade de Brasília; Universidade Federal de Santa Catarina;

Sumário

Entrevista: 13 de novembro de 2014 Trajetória até os estudos sobre mudança climática: o doutorado em ciência política, o interesse por ecologia, o trabalho como professor na Universidade de Notre Dame, o contato com pesquisas sobre política ambiental; o pós-doutorado na Universidade do Colorado; as principais influências em pesquisa na área; o desconhecimento geral acerca das mudanças climáticas até a década de 90; comentários sobre a conferência Rio 92; o campo de estudos sobre mudanças climáticas no Brasil dos anos 90: os trabalhos existentes, a situação geral dos estudos, trabalhos com outros pesquisadores, criação do grupo de estudos; o trabalho de orientador na pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); o reconhecimento internacional: convite para participação em eventos, as pesquisas internacionais; as pesquisas sobre a atuação brasileira em relação as mudanças climáticas; comentários sobre as políticas públicas relacionadas a Amazônia; o desmatamento no Brasil; a mudança dos estudos climáticos ao longo do tempo; comentário sobre o modelo de negociação da Organização das Nações Unidas (ONU); o contato com ONGs, movimentos políticos e sociedade civil organizada; o trabalho de orientação de teses; os centros de estudo sobre mudança climática no sul global; o grupo de pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) focados em meio ambiente; o contato com pesquisadores das áreas da ciência física; a experiência como membro do comitê científico do LBA; as mudanças nas políticas públicas brasileiras relacionadas a Amazônia a partir de 2004; comentários sobre a liberação de carbono no Brasil: as principais causas, políticas que podem ser implementadas para redução, a opinião pública; o trabalho como revisor de um dos painéis do PCC; o processo de trabalho e de escrita: as demandas externas, os projetos próprios, a publicação em conjunto com alunos e pares, a publicação em outros idiomas; o hábito de leitura de revistas acadêmicas e artigos; a procura por acompanhar a situação internacional; o foco na dinâmica estrutural do carbono no mundo; comparação entre as políticas para redução da emissão de carbono de vários países; comentários sobre os acordos internacionais que tratam da questão do clima; opinião sobre a área de estudos sobre mudanças climáticas nas ciências sociais: comparação entre os estudos feitos no Brasil e os estudos internacionais; comentários sobre os estudos baseados nas relações internacionais; a tendência dos estudos sobre mudança climática dentro das ciências

sociais e dos estudos em relações internacionais; os journals que são referências no debate sobre mudanças climáticas; a relação com as redes sociais; conversa com o entrevistador.

Entrevista: 13/11/2014

João Marcelo (JM): – Bom, hoje é dia 13 de novembro, residência do professor Eduardo Viola. Professor, agradeço ter me recebido. A primeira pergunta que sempre fazemos é como o senhor chegou da sua formação acadêmica a essa área específica da mudança climática. O senhor tem doutorado em ciência política...

Eduardo Viola (EV): – Bom, eu diria que primeiro movimento, eu quando fiz o meu doutorado, eu fiz doutorado em um tema convencional em ciência política, que é o fracasso da transição democrática argentina de 73 - 76, não é? E o que foi é o seguinte: eu me interessava desde jovem por temas globais da ecologia, do ambiente global, certo. E logo que terminei o doutorado, eu fui convidado logo para ser professor visitante na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos. E, então, nesse convite, eu tive lá... Lógico que o curso que eu tinha que dar era sobre latinoamérica politics, nada de mudança climática. Mas lá eu tive pessoas que estavam pesquisando isso em Notre Dame e Chicago, que estava do lado, digamos. Não especificamente mudança climática, mas assim, em geral, política ambiental, está certo? E política ambiental internacional e demais. Então, eu me interessei muito por esse tema, digamos, não é? E uma coisa que me interessou nessa época era o desenvolvimento do Partido Verde na Alemanha e em outro lugar, porque isso estava justo em grande desenvolvimento nessa época. Então, basicamente *aí* é que se foi dando a transição. Depois disso, a primeira pesquisa que eu fiz era sobre o movimento ambientalista no Brasil. Não era uma coisa de... Internacional! O contexto internacional estava, mas o foco era o movimento ambientalista, que foi um artigo, assim, que teve muita repercussão, inclusive, tem uma quantidade de citações gigantesca, digamos, não é? Um artigo que depois, com algumas variações, eu publiquei também ele em inglês. São meados ali da década de 80.

(JM): - Estava na Notre Dame ainda, ou já...

(EV): - Já estava aqui. Já estava aqui. Já tinha voltado. E... É... Bom. Daí, o processo, de algum modo, quando teve toda... segundo ponto muito importante tem a ver com o fato de que eu fui fazer o meu pós doutorado na Universidade de Colorado. E lá era um lugar fortíssimo de Global Environmental Change, nessa época a mudança climática tinha adquirido...

(JM): - Já tinha este estatuto...

(EV): - Sim, sim. Já tinha até esse estatuto, e naquela universidade... Então, eu fiquei fazendo pós-doutorado e depois um semestre como professor visitante também lá. Mas lá foi decisivo, porque lá eu tive contato com... É, assim, o *núcleo* da ciência... Não apenas da ciência física da mudança climática, mas também da economia política da mudança climática, porque lá em Colorado, eu estava associado em um dos principais centros do mundo sobre aquilo que se chama **National Center for Atmospheric Research [conferir 3:35]**, que tinha 100 mil pesquisadores, dos quais uns 400 são de ciências sociais. Então era um negócio, uma massa crítica que pensava o resto do mundo [**incompreensível 3:50**] privilégio, digamos assim, não é? Aí eu entrei com tudo nas questões da ciência da mudança climática... Lógico, do ponto de vista físico para entender o fundamento, nunca mais do que isso, digamos, não é? Mas digamos a política climática internacional e demais, me interessou muito. Então, de algum modo é o seguinte, eu entrei... Eu tive sempre uma formação forte de relações internacionais, porque tenho um doutorado em ciência política desde **criança [verificar 4:18]**, está certo? Isso é um fator também que é importante levar em consideração. Aquele tema me interessou muito. Vamos dizer que eu entrei na temática geral da globalização, pelo lado da globalização ambiental. Entende a globalização financeira, ou econômica, geral, de cadeia produtiva e tal, da segurança, eu entrei pelo lado do meio ambiente na globalização, mas logicamente logo a mudança climática se destacou como centro. Essa não era a questão ambiental, logo eu entendi que essa era uma questão *interfacial* que envolvia ambiente global, energia, economia global e segurança internacional.

(JM): - Em Colorado, o senhor consegue lembrar se algumas pessoas foram decisivas ou era mais o conjunto, assim?

(EV): - Não, era um conjunto, mas uma pessoa que foi muito decisiva era um economista, que era, foi muito destacado, que se chamava [**incompreensível 5:20**], só pelo apelido [**incompreensível 5:27**] que tinha sido... era um grande economista ambientalista, presidente da sociedade americana de economia ambiental, que era um negócio, logicamente estava mais

desenvolvido. Ele foi uma pessoa muito importante para mim. Outra pessoa muito importante foi Kenneth Boulding que foi... havia sido um dos primeiros que escreveu sobre a economia de **passional** [verificar 5:47] de terra, foi presidente da sociedade americana para progresso da ciência, foi um grande cientista, retirado já. Aposentado, mas professor emérito da Universidade de Colorado e que com ele teve conversas na casa dele extraordinárias. Ele me inspirou muito. Diria [incompreensível 6:04], com quem ele tinha contato diário, e eu estava alocado em um instituto que se chama **Environment and Behavior** [conferir 6:08] então estava todo dia com ele, digamos, está certo. Então de algum modo ele era meu orientador de pós-doutorado, está certo? Então ele me inspirou muitíssimo. Uma pessoa de grande conhecimento, outro foi Kenneth Boulding e.... Bom, tem várias outras pessoas que foram muito interessantes, muito diálogos muito interessantes. Mas digamos que as duas pessoas mais inspiradoras chave foram esses dois.

(JM): - O senhor tinha, então uma pesquisa no âmbito desse departamento, era uma iniciativa mais seminários, apenas...

(EV): - É, não. Eu tinha, assim, obviamente que na universidade de Colorado para minha formação mais profunda foi a possibilidade de assistir a palestras e debates, assim, uma escala concentrada, digamos que em um mundo que nessa época para um país como o Brasil tu seria 'marciano' [risos] você tem que pensar no ano 1990, 91. Claro, que já tinha convocado a Rio 92, isso, mas de todas as maneiras, vamos descer o nível de sofisticação sobre a mudança climática e demais. Não só era algo que no Brasil não tinha a menor ideia, mesmo nos Estados Unidos, na própria comunidade acadêmica, fora dos grandes centros propriamente, como não era só Colorado, outro.. é.. as pessoas não tinham muita ideia, porque estava iniciando, veja bem, isto é antes da Rio 92.

(JM): - Sim, sim. E o senhor voltou para a Rio 92 ali, para participar da conferência?

(EV): - Eu voltei... Não, não, não. Depois eu voltei, porque eu fui para o pós-doutorado, depois voltei para.... Porque o pós-doutorado eu fiz para... o professor visitante foi afastamento [incompreensível 8:03] depois eu voltei para... Voltei ao Brasil precisamente em fim de... Fiquei um ano e meio lá e voltei para o Brasil em fim de noventa e... Peguei a Rio 92 aqui!

(JM): - Mas o senhor teve alguma participação, digamos assim, oficial...

(EV): - Ah! Não, não, não. A minha participação foi mais em todos os eventos científicos. Havia muitíssimos paralelos durante todo o período da conferência, havia... Houve várias mesas redondas... Tudo eu fui palestrante, todo esse tipo de coisa, mas não, eu não fui negociador.

(JM): - E voltando para o Brasil, tinha interlocução com pares aqui no Brasil neste tema ou era ainda muito restrito?

(EV): - Era *muito* restrito. E nessa época era muito restrito. Digamos, ou seja... Tanto que eu fiz uma opção de vida acadêmica que meu principal amigo americano com quem tinha escrito, digamos, queríamos fazer projetos juntos eu lembro ele tinha falado "olha, mas você lá, sua vida acadêmica vai ser muito difícil, vai ser se você entrar nesse tema, porque não vai ter nem se quer... Não vai ter reconhecimento", certo? Eu falei "olha, não... assim, o que eu acho decisivo para a humanidade... eu tive, digamos, uma espécie de faro, de intuições de que o tema era decisivo para o futuro da humanidade, mesmo que naquele momento aqui fosse... claro que, logo depois, quando eu escolhi entrar naquela cada vez mais [incompreensível 9:38] antes, isso era depois de estar... eu quando fui professor visitante de Notre Dame, eu fui... depois disso eles me ofereceram a possibilidade de [incompreensível 9:52]

(JM): - Hum...

(EV): - E eu decidi voltar ao Brasil, por causa que acreditava que a minha contribuição no Brasil seria mais importante. Era o momento que estava a transição democrática, começo de tudo isso, não é? Então, [hesita] vamos dizer... É nesse momento que eu escolhi "eu vou voltar e eu vou me dedicar às questões ambientais". Está certo? Porque eu acredito que isso é decisivo, isso aí vai ser minha... Primeiro que eu gosto do ponto de vista da ciência. Segundo, porque acho que isso vai se tornar muito importante, ou seja, isso era muito antes da Rio 92.

(JM): - Sim, mas depois dos anos 90, o senhor já de volta no Brasil...

(EV): - Sim! Não, aí, claro, aí vamos dizer: qual é o fato favorável? Que Brasil tem uma comunidade científica muito importante sobre mudança climática na área de ciências físicas isso já tinha, está certo? E particularmente por causa do INPE e demais, está certo? Não é que era... Outra coisa, era a questão da importância da Amazônia, **lançamento de carbono e demais [verificar 10:54]**. É... Na área do que seria de ciências sociais na mudança climática, a economia política internacional do campo da mudança climática, nesses anos, eu... a minha interlocução era muito restrita. De fato, eu tinha um grande amigo, com quem fui co-autor e que faleceu faz dois meses, digamos assim, Hector Leis, que... ele era uma pessoa que eu tinha muito diálogo, digamos, embora ele tinha menos foco na temática do que eu, certo, mas assim, ele era uma pessoa que nós escrevemos coisas juntos, e demais, não é? E nós criamos, nós fomos desenvolvendo espaço, por exemplo, na ANPOCS.

(JM): - Como foi isso? Por exemplo...

(EV): - Na ANPOCS, não era especificamente sobre mudança climática, mas no caso, nós criamos um grupo de trabalho, isso foi em 87. Eu estou te falando isto, já, depois de Notre Dame e antes de Colorado. Criamos um grupo de trabalho sobre meio ambiente. Primeira vez que se criou, não é? Não existia nada disso na Associação Brasileira de Ciência Política, nem Sociologia nem nada. Mas assim, a associação brasileira de relações internacionais não existia nessa época. Então, assim, criamos esse grupo, esse grupo foi criado, digamos, com a minha liderança, mas com o apoio de outro professor sênior, digamos, que trabalhava mais outros aspectos, não os internacionais do meio ambiente, Daniel **Hogan [verificar 12:37]**, já falecido, professor da Unicamp. E... quê mais? Bom, **[incompreensível 12:43]** não consigo, falando muito...

(JM): - Sem problema. E na sua própria universidade o senhor tentou montar, por exemplo, um centro...

(EV): - Sim. E a universidade... Estava na época na Universidade de Santa Catarina está certo? Aí, tem... o que foi interessante? Chegou um professor formado na Alemanha, que tinha muito interesse pelos temas ambientais, também, com uma abordagem sistêmica. E então, nós

tivemos também um diálogo importante, digamos, não é, ou seja, nós criamos uma linha de pesquisa, porque eu estava no programa de pós na Universidade Federal de Santa Catarina antes de 92, não é? Nós criamos uma linha de pesquisa na pós graduação, não é, sobre meio ambiente política e sociedade. Não me lembro exatamente como se chamava. E eu tive... comecei a ter muitos orientandos, sobre uma questão....

(JM): - Raquel

(EV): - Sim. ...Mas era tudo vinculado era... não era mudança climática, assim. Naquela época, era mais meio ambiente. Diversos temas de meio ambiente, no qual entrava alguma coisa de mudança climática.

(JM): - Qual?

(EV): - Com essa mudança climática, entrou mais depois, quando eu vim para Brasília, porque isso foi depois da Rio 92. Vocês têm que ver que 88, 89 meio ambiente tudo bem, tinha algum interesse! Mas mudança climática ainda não tinha nem a *convenção* de mudança climática. Está certo? Então uma coisa era Colorado, em [incompreensível 14:14] e tudo mais. Depois, uma outra coisa que foi importante, outros dois estágios meus como professor visitante da Universidade de Amsterdã, e depois na Universidade de Stanford, que também me colocaram em lugares *muito* centrais da questão **Global Environmental Change Climate... International politic on climate change** [verificar 14:34]. Em Colorado, primeiro, que primeiro foi como uma *grande* iniciação na mudança climática para mim e depois e... Ah! outra coisa que é decisiva na minha carreira: por ser eu, uma pessoa que se diferenciava totalmente nas ciências sociais latinoamericana nas relações na mudança climática, eu comecei a ser muito convidado às reuniões científicas internacionais. Ou seja, você vê que eu com ocupei um nicho, está certo? não é que eu era *tão* produtivo assim, digamos. Mas eu ocupei um nicho que não tinha ninguém, digamos assim. Não apenas no Brasil, mas na América Latina. Você cientista político trabalhando com mudança climática. É um, não é? Internacional.

(JM): - O senhor começou a ser convidado sistematicamente...

(EV): - Sim.

(JM): - Para eventos acadêmicos ou...

(EV): - Sim, acadêmicos, basicamente. Depois também, depois também. Acadêmicos e depois. Muito, muito. Vamos dizer aí, a partir desse meu estágio em Colorado, eu me tornei um acadêmico, com altíssimo... com muita visibilidade internacional e, assim, é... Convidado para *muitas* reuniões, assim, não é? Grupos nos Estados Unidos por anos, está certo? Coisa que não tinha... e particularmente nenhuma pessoa da minha idade da minha geração tinha isso. Está certo? Mas isso, insisto novamente, eu ocupava um nicho específico, não porque eu tivesse uma produtividade genial, não.

(JM): - Mas se traduzia também em eventualmente em pesquisa internacionais, por exemplo, que tinha uma duração...

(EV): - É... Olha, se traduzia sim, mas de um modo não muito focado, por assim dizer, está certo? Por exemplo, eu participei na elaboração do plano científico, um programa internacional que se chama International Human Dimensions of Global Environmental Change e isso tinha um subprograma. E tinha um subprograma que Institutional dimensions of global environmental change. Esse programa era liderado por **[incompreensível 16:44] Young** que é um grande... um grande internacionalista do século 20, digamos, não é? Americano... E, então, isso eu, por exemplo, isso foi uma participação muito importante, porque foi um plano científico para 10 anos. Está certo? E foi... esse é um tipo de participação. Mas se junto produziu que um programa coletivo de digamos 20 pessoas que participavam, Fazia reuniões e demais, mas não a pesquisa que *eu* fui o autor, digamos assim. Um plano coletivo de pesquisa global, digamos, o mais importante plano de pesquisa no mundo. Então, não que era... Eu contribuí com a pesquisa coletiva, não que eu, não que eu fiz uma pesquisa minha. Nisso aí. Está entendendo?

(JM): - Sim.

(EV): - O que eu... a minha pesquisa geral mais específica era sempre... é... vinculada ao que era a vinculação entre a política doméstica e a política internacional do Brasil na área de mudança climática. O primeiro mais genérico de global environmental change, depois mais focalizada na mudança climática. Isso sim, eu acompanhava isso e publicava, digamos assim, ou seja, ou muitas vezes coisa de policies muito publicamente, e demais. Em geral e uma coisa que me diferenciava também, eu era muito crítico da doutrina oficial brasileira sobre mudança climática. Isso era uma coisa importante também.

(JM): - E como é... isso causava alguma tensão nos fóruns nacionais quando tinha representantes da ciência e tecnologia brasileira, o Itamaraty, por exemplo?

(EV): - Tinha tensão, sempre tinha confronto, claro, mas não chamamos de *tensão*. Assim, no sentido.. Não. Mas, claro, eu era o crítico, digamos. Eu era um crítico sempre da posição brasileira. Digamos, não é, o que eu sempre colocava é que era um absurdo o Brasil não ter uma política de [incompreensível 18:50] *clara* de reduzir o desmatamento na Amazônia, era muito *bom*, era muito fácil fazer isso. Digamos, ou seja.... É como dizer... importante toda... o decisivo era o seguinte, que a elite brasileira, ali, decisória, na época do Fernando Henrique Cardoso, via a Amazônia como um ônus. Está certo? Do que, basicamente, medo de perder a soberania nacional sobre a Amazônia entrando em um regime internacional de constrangimento de carbono, está certo? E o que eu via sempre é que como algo positivo porque era reduzir emissões, é... por desmatamento, era algo baratíssimo e no outro país... Depois a minha visão se comprovou que... alguns anos depois. Porque só a redução de desmatamento só começou em 2005. Eu falava essa coisa 10 anos antes. E eu fui muito crítico da doutrina oficial brasileira da responsabilidade histórica.

(JM): - Sim...

(EV): - Ou seja, que uma doutrina elaborada em 96-97 para o protocolo de Kyoto, extremadamente conservadora, por várias razões, digamos. Primeiro, por uma lógica internacional, digamos. Teoria das relações internacionais. Ou seja, você para produzir convergência e cooperação no sistema internacional, você é... o pior caminho é você culpar as gerações atuais por... pelas atividades ou o que fizeram nas gerações anteriores. Isso é um

conflito perpétuo. A guerra perpétua, seja por território, por recursos e demais. Então, você não pode ir... [hesita]. Então isso é algo *básico* em Relações Internacionais. Então, isso, segundo, por a [pela] percepção de que era impossível que Brasil se construiu com o desmatamento, não é? A mata atlântica, a floresta de araucária e demais, e que a Amazônia ia continuar... que era muito difícil mudar, porque estava em verde no tecido social e no [incompreensível 21:02] brasileiro. "Se construiu desmatando!" Isso o país, digamos, não é? Eu falava que isso podia ser quebrado, digamos, está certo? Então, que era uma percepção muito... É lógico que isso precisava criar uma **constituente** [verificar 21:16] significativa, para derrubar a força, para contrapor a força conservadora da Amazônia. Então impossível produzir sistema político brasileiro de dar uma grande representatividade a um estado pouco povoado, digamos, não é? favorecia uma pesso... uma bancada poderosíssima na Amazônia, que em grande medida era conservadora. Era formada por visões assim *predatórias* da Amazônia, imediatistas e demais. Então, isso dificultava a formação da coalisão, digamos assim. Mas isso tudo isso eu colocava, mas o ponto é nós temos a... é... a crítica no ponto de vista do que é cooperação e conflito no sistema internacional, dado a responsabilidades históricas que é a ideia de que tinha que cortar o espaço de carbono as emissões desde o ano 1800, 1850 e é... isso, vamos dizer... tinha aí a crítica... Obviamente que não era só [incompreensível 22:20] era uma crítica óbvia, quem não conhece... [incompreensível 22:25] digamos, primeiro, não apenas [incompreensível 22:26] em geral, sobre você é... culpar as gerações passa... a geração atual por gerações passadas. Imagina várias tataratata, porque era 1800. Segundo, a questão que a mudança climática era um problema objetivo, mas não um problema conhecido pela humanidade. Ou seja, vamos dizer, ninguém que emitiu carbono até ou pelo menos o ano 1980 fazia isso para produzir o aquecimento global, não sabia, até a década de 70 a principal pergunta dos climatólogos era "quando vai ser a próxima era glacial?" está certo? A grande mudança se produz na década de 80 e particularmente no Congresso de Hamburgo do climatólogo de 1988. Depois relaxou todo o processo de convocação da Rio 92 e demais. Então, esse era outro ponto e depois toda a questão dos dados históricos: a precariedade dos dados e, particularmente, a precariedade dos dados sobre desmatamento, mudança do curso da Terra e demais. Mas os dados sobre energia também eram precários para grande parte do mundo, digamos. Tiveram que remontar a 1980. Outro fator importante era a mudança dos mapas. O que é, quantos países havia no mundo em mil novecentos e... quanto tinha agora, e o que era, digamos, outro fator decisivo, um pico de emissões no século 20 se deu nas duas grandes guerras mundiais. Então como atribuir essas

emissões da Europa de Hitler, do Império Japonês, por exemplo, durante a guerra, as emissões são muito mais altas, aumenta muito a produção, se não a própria guerra, digamos, produz muito mais emissões de carbono. E coisa desse tipo, digamos. ou seja, Império Otomano, por exemplo, uma quantidade de países, assim. Enfim, tudo isso, e mais os diversos fatores, ou seja, que eu sempre coloquei. Em geral, não havia contra-argumentação. Basicamente, de todas as maneiras que podiam ver em mim é que eu era uma pessoa que no Brasil tinha argumentações próximas dos países do Norte, enfim. E pronto. Ou seja, então isso era vamos dizer, isso foi um negócio que aconteceu bastante sobre a década de 90. E outra coisa que era importante, nesse processo todo eu comecei, já na década de 2000, eu fui começando ver que o modelo de negociação das Nações Unidas era um modelo exaurido. Ou seja, que tinha sido um modelo apropriado para levantar a problemática no mundo de mudança climática e algum difuso consenso normativo sobre a necessidade de carbonizar a economia mundial. Mas que era ineficaz para produzir um acordo "sustantivo" para reduzir emissões. não é? Porque o problema só podia ser... o problema é produzido por poucos países e só podia ser resolvido por poucos países. Mesmo que os que mais sofram com o problema são outros países que pouco produziram... não tem condição de resolver. Então, basicamente, eu fui pensando sempre que a questão é uma negociação com os grandes emissores. E aí eu fui criticando o modelo das Nações Unidas, digamos, não é. E pensava na época o modelo do g-8. Ou seja, aí que era o âmbito de negociação possível, digamos. Por uma coisa de teoria do jogo, também. E a lógica das Nações Unidas é mínima como denominador, não é? A Lógica das Nações Unidas levaria a outra... Isso é outra coisa que me colocou em uma posição diferenciada no Brasil, no debate público e apenas as ciências sociais, que as pessoas aqui estavam muito coladas no paradigma do regime internacional das nações unidas, está certo? e eu colocava ue isso estava exaurido. Isso já na década passada. E depois isso foi se visualizando muito mais, depois que passaram os anos.

(JM): - Nesse mesmo tempo o senhor tinha interlocução para além de Itamaraty, dos Fóruns de Políticas, Academia, com movimentos políticos, ONGs ou sociedade civil organizada?

(EV): - Olha, não. Isso tive na década de 80, diríamos até a Rio 92. Depois disso, cada canto ONG me convidava para dar palestra em seminário deles e demais. Mas era algo muito reduzido. É lógico eu sempre uma referência para as pessoas, mas isso por minha atuação na

década de 80, está certo? Mas não diria que eu tinha uma... eu tinha uma, claro, dava algumas palestras e tudo mais. Isso sim, logicamente, mas não uma atividade sistemática em relacionada a... **[incompreensível 28:11]** e também não relacionada ao governo. Está certo. O foco da minha atividade era universidade, tanto ensino quanto orientação de pós graduação e *muitos* orientandos de mestrado e doutorado. Isso foi criando tudo, lógico, na escola difundindo alguma coisa...

(JM): - Era um foco seu, inclusive, ter bastante orientandos...

(EV): - sim sim, isso foi uma coisa... eu sempre tive muitos orientandos. Tanto é que eu tenho, por exemplo, hoje quase umas 60 teses de mestrado e 20 de doutorado orientadas e defendidas, além... Ah! Uma outra coisa que aconteceu muito: muitos estudantes internacionais vinham para aqui e... me entrevistavam, ou então liam as minhas coisas. Eu influenciava doutorando do mundo.

(JM): - Alguns vinham estudar com o senhor?

(EV): - Alguns vinham e ficavam algum período aqui digamos para ter um contato mais próximo comigo.

(JM): - De algum lugar específico ou de várias...

(EV): - De vários lugares. Nada sistemático assim, mas.. Ah! Sim. Dos países da Europa e Estados Unidos e Canadá.

(JM): - Isso não era um tema que outros países do dito "sul" tivessem tanto produção, interesse...

(EV): - Não, esse não... Bom é.. Vamos dizer, você começa a ter... vamos dizer... Além do Brasil, se começa a ter um grupo importante de escolas de mudança climática nas áreas de ciências sociais, no México, está certo? E na Índia, está certo? Na China também, mas não independente, então na China entende, sempre uma coisa, agora mudaram, mais aberta, mas

tudo é muito relativo. Há 10 anos atrás qualquer escore da China [incompreensível 30:17] do governo, digamos está certo? Fora esses países, um pouco África do Sul...

(JM): - Mas mais México, Índia...

(EV): - México, Brasil, Índia.

(JM): - E o senhor chegava a ter uma articulação com esses centros?

(EV): - Tinha articulação era que participei em seminários, eventos desse tipo. Mas não cheguei a produzir nenhuma pesquisa de longo prazo associada com grupo mexicano, ou indiano.

(JM): - Entendo. Aí entramos no começo do século XXI. Como já estava a tua área aqui na UnB? Já tinha vários orientandos...

(EV): - E aqui era muito visível isso. Além disso, aqui, teve mais duas professoras que também trabalhavam, ou seja, a Unb se tornou um centro muito raro no mundo, porque sobre tinha... sobre 15 professores, 3 trabalhando com tema de mudança ambiental global, mudança climática ou biodiversidade. Um deles tinha sido orientando meu de mestrado e de doutorado. Depois se tornou professor...

(JM): - Que era quem?

(EV): - Cristina Inoue e outra pessoa que não tinha sido orientador oficial, tinha sido uma espécie de co-orientador que se chama Ana Flavia Barros digamos. Isso tinha aqui uma atração aqui era o lugar se você queria fazer coisa sobre meio ambiente nas Relações Internacionais, você vinha aqui: mestrado ou doutorado. Isso era uma concentração, digamos, ou seja, fortíssimo.

(JM): - Nessa altura já tinha linhas de financiamento de Cnpq ou Capes ou Fundações de Pesquisa para termos de mudança climática? Ou esses recursos vinham de outras fontes?

(EV): - Não. Isso não era específico sobre mudança climática. Tinha, mas para a área das ciências físicas. Mas não na área de ciências sociais. Mas isso entrava dentro do geral, ou seja, nós estamos na década... na primeira década do século 21 que o tema tem total legitimidade na comunidade de ciências sociais. Esta certo? As pessoas poderão, quer dizer, a comunidade de ciências sociais [incompreensível 32:44] poucas pessoas se dedicavam na mudança climática. Mas o tema era totalmente reconhecido como legítimo e fundamental. Não tinha mais nenhum tipo de coisa desse tipo...

(JM): - estranhamento...

(EV): - Sim, sim, exatamente.

(JM): - E o senhor tendo essa formação de internacionalista, tese sobre ciência política... em algum momento tinha dificuldade de trabalho com cientistas das áreas físicas. Eles de um certo lado, tinham uma visão crítica...?

(EV): - É, não. O ponto importante é o seguinte, eles se interessavam muito pelo o meu modo de pensar, me convidavam... Eu tive muito... sempre fui muito convidado a atividades docentes, por exemplo, cientistas físicos, uma coisa que foi uma experiência muito interessante para mim. Fui membro do comitê científico do programa LBA que é Large Scale Biosphere Atmosphere in the Amazonia que era um programa financiado pela NASA, pela União Européia, pelo ministério de tecnologia do Brasil. A gente tinha reuniões do comitê científico umas duas vezes por ano. Então, eu era... tinha dois cientistas social. O comitê eram 30 pessoas e tinham 2 cientistas sociais eu e Berta Veich, recentemente falecida, uma geógrafa. Então, bom, ao mesmo tempo a gente queria complexificar a problemática científica do programa LBA. E eles estavam interessados. Mas não era fácil o diálogo. Primeiro, porque eles trabalhavam muitas vezes excessivamente técnicos da física, está certo? da física... E isso era difícil de entender, digamos assim, era difícil de entender. E por outro lado, porque eles simplificavam muito as questões que eles chamavam de "dimensões humanas". Basicamente, para um cientista físico o fundamental acaba ... as visões das coisas é vontade política. [Riso] Era um negócio tipo assim, toda a visão de complexa de formação de interesse, coalisão, digamos, está entendendo?

Isso era um negócio que... é... ficava muito simplificado para eles. Então não "se você tiver vontade política [riso] você faz o que deve ser feito". É um negócio assim, tipo, tem que falar... é um negócio tipo assim "tem que fazer isso". Na ideia de relações muito simplistas entre ciência, sociedade e políticas. Então, mas sempre fui muito respeitado, senão teria sido... Não poderia ter feito carreira que eu fiz. Eu fui sempre... Eu diria muito respeitado, mas não dá para dizer que o diálogo fosse fácil, porque o paradigma, porque tem dificuldades intrínsecas. Eu nunca me dediquei a entrar a fundo, só fiquei na periferia de entender a física da mudança climática e uma série de coisas, não é? e vice versa, digamos, ou seja, eles também não se dedicavam digamos, a entrar a fundo na dinâmica, digamos, da sociedade.

(JM): - Vocês chegaram a tentar a ler algum artigo científico da área deles?

(EV): - Não, não, algumas coisas eu tentava, por exemplo no programa LBA era muito difícil. Eram todos os experimentos, com torres sobre o ciclo local do carbono em diversas partes da Floresta Amazônica. Porque a grande pergunta nessa época o que é que... qual é o rol da Amazônia no ciclo global do carbono? Ela é neutra? Está ainda sequestrando o carbono ou está emitindo, ciclo igual emite... nem falar do desmatamento. Estamos falando da floresta em [incompreensível 36:47] Desmatamento é óbvio que... as emissões são gigantescas não era a questão desse programa LBA. Esse é um caso de, vamos dizer, aí por exemplo um diálogo que eu tive muito sempre... a pessoa com quem teve sempre muito diálogo sistemático historicamente é com Carlos Nobre. Que ele era uma pessoa líder destacadamente... Hoje inclusive ele está no Governo como secretário de políticas especiais, digamos. Então com ele, nos dialogamos desde meados da década de 90, mais ou menos...

(JM): - Entrando, então, aí no começo do governo Lula e na sua sequência, o que mudou com a posição brasileira... se mudou....?

(EV): - A grande mudança que houve foi primeiro de fato que o governo federal passou a levar a sério a partir de 2005 a redução... o controle do desmatamento da Amazônia. Essa é uma mudança radical do... o autor disso é Marina Silva. Lula *teve* que apoiar. Nos primeiros dois anos não apoiou. Marina Ministra do Meio Ambiente em 2004 foi o pior ano do Brasil aí então o negócio é o seguinte, olha, isso aí é o pior do que pode acontecer, uma pessoa como Marina

Silva digamos que era tudo a favor da proteção da Amazônia, ela como Ministra do meio ambiente está piorando está chegando ao pior da história. Aí ela colocou muito claro "ou se me apoia, ou saio" digamos. E lógico que para Lula que tem um instinto político, uma intuição muito grande ele viu que o negócio era apoiar. Aí começou... foi muito fácil, não é? As pessoas, nos primeiros dois anos, se achavam que era apenas - eu lembro as discussões - era apenas uma questão do ciclo dos preços da commodities e demais. E eu falei "olha que tem um negócio mais profundo que isso" digamos não é? E claramente isso foi acontecendo. Isso foi um dado, mudou decisivamente, porque foi se terminou, vamos dizer, **[incompreensível 39:58]** da maldição amazônica. Ou seja: "o Brasil sempre foi assim e não vai poder mudar". Está certo? Ou seja, "controlar o desmatamento é impossível, porque o Brasil se fez assim". Está certo? É, na história Mata Atlântica, Floresta de Araucária... Isso realmente Marina Silva demonstrou que era relativamente fácil e muito pouco custoso. Por quê? Porque os beneficiários do desmatamento na Amazônia era ser o ponto 1% da população brasileira e os agentes econômicos eram fracos está certo? É o oposto do que é o problema para a China. Digamos que para reduzir emissões tem que fechar termoelétricas digamos que eventualmente podem fechar postos de trabalho na indústria todo esse tipo de coisa. Processo muito diferente digamos. está certo? Então, essa foi a grande mudança primeiro doméstica. E, depois, vem a grande mudança internacional. Em 2009, ministério de Carlos Minc foi o ministro mais incisivo que o Brasil teve de meio ambiente e que colocou a Lula desafio totalmente... é... confrontou a Lula Itamaraty, ao grupo, digamos, que estava no ministério da ciência e tecnologia com uma posição conservadora, digamos assim. Está certo? Então, dizendo o seguinte, não é? "O Brasil precisa ter metas! De redu... Metas de redução quantitativas". E ele... isso houve uma confluência de fatores... segundo semestre de 2009 de junho de 2009 há uma confluência satisfatória. Eu escrevi muito sobre isso. Se você quiser, posso até me repetir, mas...

(JM): - Eu tenho aqui um artigo que o senhor escreveu sobre isso...

(EV): - Então, aí... a... foi ele que chegou em 2009 abr... novembro, até julho de 2009 no Itamaraty, no ministério, estava proibido de falar de metas quantitativas [riso]. Em novembro de 2009 o Brasil tinha como meta um compromisso voluntário internalizou na lei de mudança climática! Claro que, veja bem, esse compromisso foi... assim como a posição do Brasil era muito conservadora até meados da década do século 21. Essa posição foi uma janela de

oportunidade que levou ao Brasil... a lei de mudança climática era mais avançada que a sociedade brasileira. A constituição, entende? Mas foi uma convergência de fatores. Por isso que a lei de mudança climática, sua implementação, ficou bastante limitada, digamos. Mas houve uma mudança muito grande. Então, isso foi decisivo, digamos. Ou seja, na [hesita]. Essa é a grande mudança que houve no Brasil, digamos. que é reduzir o desmatamento propondo uma lei que vai muito além do desmatamento. mas em outras áreas isso não acontece. Na área de energia, não há.... o Brasil tem uma intensidade bem alta de carbono como quase todo mundo produzia em intensidade média, por causa que é um país hidroelétrico, se construiu... porque não tinha carbono nem petróleo, está certo? Então, isso, é um **par de pendas [verificar 42:21]** favorável digamos, está certo? Mas não houve nunca uma decisão de política de descarbonização houve *espasmos*, por exemplo, a diplomacia do etanol em 2005, 2006, mas que já acaba brutalmente quando se descobre o pré-sal.

(JM): - Sim...

(EV): - Então se passa, o negócio... Bom, e não há uma política clara digamos, está certo? Há, mas bem em geral, Brasil está cada vez mais aumentando a intensidade de carbono na área de energia e também transportes. Principalmente transporte de carga. Porque um país rodoviário com uma infraestrutura congestionada então imagina digamos, não é? Então, é, vamos dizer, Brasil avançou decisivamente, local no ciclo global do carbono mudou radicalmente na segunda metade da década passada. Está certo? Mas na área de mudança de uso da terra, do desmatamento. No [**ele pronunciou 'no', mas pode ser 'não'**], na área de energia. está certo? O Brasil tem um desempenho quando comparado a outros países favorável. Não por causa que teve responsabilidade na mudança climática, se não pela sua história. Um país hidroelétrico e ainda por cima com etanol, digamos. Então, esse é o quadro, digamos, que agora os problemas são outros. Os problemas do Brasil são outros... É negócio... é... problema fundamental hoje do Brasil é como fazer uma agricultura de baixo carbono como aprofundar o controle de desmatamento da Amazônia, não é? Porque isso está estagnado, até com alguma regressão... como fazer uma agricultura de baixo carbono, que é totalmente possível, digamos. Como avançar para uma pecuária menos intensiva em carbono, também. E essa é uma área da onde é possível avançar significativamente, na área de energia é mais difícil. Porque isso requer uma mudança significativa na política de transportes que é a inércia do rodoviário é gigantesco, está

erto? E a lógica imediatista de subsidiar automóveis é muito grande, então todo o investimento... Claro que isso, em algumas áreas, está chegando em um limite, digamos, ou seja, degradação da qualidade de vida, não só pela mudança climática, mas agora degradação da qualidade de vida, porque o congestionamento digamos, ou seja, torna mais fácil perceber que tem que mudar o modelo de mobilidade urbana, mas isso na melhor das hipóteses vai ser lento! Isso na melhor das hipóteses, há hipóteses negativas. Mas basicamente, ou seja, a política de subsidiar o carro, digamos, a partir de 2008, é uma política... a gasolina, o carro... tudo um posto de carbonização e de qualidade de vida, mas isso tem o apoio da maioria da população. Não é, ou seja, você uma visão profunda de longo prazo do problema é minoritária no Brasil. Então, uma coisa é que você encontra na comunidade formação... formadores de opinião ligados ao mundo e demais. Mas outra coisa é [riso] o que você tem na maioria da população. E é um negócio de... qualquer coisa que dê um crescimento de curto prazo, está bom! Digamos, está certo?

(JM): - Professor, eu vi que o senhor foi um dos revisores de um dos painéis de PCC, correto?

(EV): - Sim, sim...

(JM): - Como é que foi esse trabalho?

(EV): - Esse foi é... agora, no último, quinto relator. Está certo? Olha, foi um trabalho muito interessante, digamos, né, ou seja, porque toda a parte, digamos, vários capítulos, mas que tem a ver mais que nada com cooperação internacional. dinâmicas do sistema internacional. Foi muito interessante, o que é que eu fiz? Eu critiquei muitas coisas, digamos, está certo? Mas por quê? Critiquei no âmbito e havia toda uma tendência a inflar coisas otimistas sobre o que o Governo do mundo estava fazendo e subdimensionar elementos negativos. Então eu... essa é uma lógica que acaba sendo forte nas nações unidas, entendeu? Ou seja, então, é... sempre tentando encontrar o positivo, porque isso depois acaba se tornando um resumo mais sintetizado e depois um resumo executivo, que é o que vale do ponto de vista oficial das nações unidas que vetado... você sabe que o resumo executivo é painel intragovernamental. Então os governos vão tirando coisa. E cada governo tira uma coisa que não gosta [riso] está certo? Agora o nível era muito alto. E o que que eu fiz? Questionar e criticar, não é? E algumas coisas

foram incorporadas, outras não, digamos. Mas foi muito interessante. Não é algo, digamos, [incompreensível 47:21] não era autor, está certo? Porque era diferente. Mas é muito mais interessante ser revisor. Isso se supõe... é isso, basicamente.

(JM): - Já estamos quase no final. Com relação ao seu processo de trabalho, não é? Eu vi que o senhor publicou muitos artigos, muitos livros e dada a sua projeção internacional, isso surge de convite ou digamos assim, você quando pensa uma ideia, um projeto, você já pensa "eu gostaria de escrever um artigo sobre isso daqui a três anos"?

(EV): - Ah, muito interessante. As duas coisas! Muito surgiu de convite. São papers para conferência [riso] está certo? Então, tinha que escrever um paper, eu escrevo. Mas outras são ideias. Por exemplo, eu vou deixar com você, esse [pegou um livro para o entrevistador] você não deve ter, mas é um exemplar... esse por exemplo, esta coisa por exemplo, que eu fico com a cópia de dois orientandos meus, tá? Esse foi um livro publicado ano passado, essa é uma obra de grande... que envolve muitos anos de trabalho, está certo? E é... Esse por exemplo é algo que é uma ideia minha. Eu tenho que sintetizar tudo isso para que você ver que é um negócio que pega muita coisa. Você vai ver aí, digamos, ou seja. É um negócio de 400 páginas, veja o tipo de página. Então isso é um tipo de coisa que não foi uma demanda de ninguém, foi um projeto meu que foi... como dizer... desenvolvendo durante os anos de decisiva cooperação de Matias e de Thaís orientandos meus, e eles... porque seria muito mais difícil obviamente para mim sozinho. Mas que gerou uma obra que é uma síntese de todo um... anos de trabalho.

(JM): - Sim, sim. No caso das demandas, são mais de **policy papers** ou também tem demandas de artigos?

(EV): - Não, não. Tem mais demanda de artigos.

(JM): - De artigo do que de...

(EV): - De artigo tem mais!

(JM): - Sei, sei.

(EV): - De **policies** tem mais demanda de palestra. Mas de artigo não tem de **policy**. De artigo... Alguns tem! Artigo é mais... assim, são conferências que tem paper que em alguns casos eu submeto para publicação outros não, digamos, está certo? Inclusive porque esses papers, eu participo de muitas conferências, em muitos casos o que tem, vamos dizer, muita superposição com coisas anteriores, então, não dá para publicar, entende?

(JM): - Sim... E você publica muito com parceiros, não é? Com orientandos...

(EV): - Sim...

(JM): - É uma coisa que você gosta de fazer?

(EV): - Gosto de fazer! Não só gosto, é muito importante para mim. Porque senão... Porque... como dizer.... é um negócio muito interessante que é uma via de mão dupla, ou seja, obviamente os orientandos aprendem muito, digamos, ou seja, o processo de produção, digamos, comigo, e talvez seja o tipo de publicação que jamais teria o 'sim', digamos, está certo? E de outro lado, eles me ajudam com uma série de trabalhos, digamos, ou seja, sobre dados e demais. Ou seja, é que... esse seria muito tempo...

(JM): - Muita coisa para fazer...

(EV): - Certo... Eles acabam sendo assistentes de pesquisa e coautores, está entendendo? Essa é a coisa. Mas eu *gosto* de que eles sejam coautores.

(JM): -Ah, interessante.

(EV): - É... Sempre faço isso, porque inclusive tenho uma longa tradição de publicar em parceria. É muito mais interessante. Porque você dialoga muito. Está certo? Aí também tem parceria com pessoa que não são orientando. Aí, o mais importante de todos sempre foi Hector Leis, meu amigo, um grande amigo que faleceu faz 2 meses.

(JM): - Certo, certo. E o senhor publica tanto em inglês, quanto em português. Tem uma preocupação de escrever bastante em português aqui dentro assim...

(EV): - Claro!

(JM): - Toda a impressão que existe de "internacionalização"...

(EV): - Não, não, não. Eu publico exatamente as duas coisas é fundamental publicar em inglês e lógico que publicar em inglês sempre leva para que os editores tem que fazer muitas correções [riso], porque meu inglês não é um inglês assea... é um inglês compreensível minha escrita, mas tem problemas de.. gramaticais assim, coisas que eu não... tem que estar bem escrito. E aí sempre os editores entram com um monte de coisa de correções que não está perfeito, digamos...

(JM): - Certo, certo... O senhor tem o hábito de ler revistas científicas assim, algumas em específico? Ou você procura mais em função de pesquisa de algum tema assim?

(EV): - Olha, eu leio muito artigos científicos. Muitos! Aliás, cada vez eu tenho menos tempo para ler livros completo, como todo mundo. Isso não é uma coisa... não é? Então eu leio muito artigo científico. Certo? é e procuro... é... sempre.. eu tenho facilidade para saber onde estão as coisas boas. Isso é pela experiência, digamos, não é? É fácil para mim a coisa mais relevante, está certo? isso não é.. Então, é um negócio assim que... agora veja bem! Uma coisa importante do meu trabalho: eu não sou um acadêmico que trabalha sobre política internacional de mudança climática *fechado* na política internacional de mudança climática. Eu trabalho sempre isso em relação ao sistema internacional. Então, comparado com muitas outras pessoas que fazem questão... ele fica especializado nisso e não se preocupa muito com as interligações com isso com toda a dinâmica do sistema. Eu, por exemplo, ao contrário: estou sempre... por isso eu leio muita coisa da dinâmica mais geral do sistema internacional que é segurança, economia, digamos, está certo? Para mim, essa coisa, são coisas relevantes, como está, não é? como está com relação de forças nos Estados Unidos, ou seja, na China, entende? veja bem, eu... as conferências das Nações Unidas multilaterais hoje não me importa. Hoje não vou mais em [incompreensível 53:52] faz muitos anos. Fui muito no começo, está certo? Hoje o que eu faço

basicamente, e isso eu.. continuo fazendo isso, é acompanhar a economia e a política de Estados Unidos, a União Europeia, China - em primeiro lugar esse que é o centro do mundo, digamos, muito diferente da visão que tem muitas pessoas na mídia, ademais de que China é um país em desenvolvimento... China é o centro do mundo, junto com a União Europeia. E por exemplo o acordo de ontem [riso], está sobre dimensionado na mídia da atual maneira como "histórico" é um avanço, mas não é tão histórico assim. De toda a maneira, eu acompanho isso e depois o segundo líder de centralidade que é a Rússia, Brasil, Índia, Japão e Coreia do Sul. Se você pergunta "são [incompreensível 54:44] todos?" "Também não Coreia do Sul." Te perguntará "por quê?" "Coreia do Sul não é tão importante nos [incompreensível 54:51] é apenas 1,5%, não é? Os outros são todos 3 para cima, digamos". Mas é fundamental em uma sociedade que está investindo maciçamente nos últimos anos em tecnologia de baixo carbono. Por questões, também, de avanço de competitividade e aposta no futu... em um mundo descarbonizado. Está certo? Então, isso ela é central não na produção do problema, mas na solução do problema! E muitas coisas... eu tive recentemente no Japão, Coreia do Sul estive recentemente ano passado. É incrível como antes os coreanos do sul viam os japoneses como referencial. Agora inverteu [riso]. Para os japoneses, referência é a Coreia do Sul. Está certo? Em termos de desenvolvimento científico tecnológico de baixo carbono.

(JM): - Certo.

(EV): - Então, assim, essa.... Bom, de todo modo, isto aqui é... o que estava te dizendo é o que é que eu acompanhei. Ou seja, artigos sobre negociações [incompreensível 56:03] nem leio! [risos] É um negócio todo repetido, está entendendo? Ou seja, não me interessa mais isto. "A negociação, tem um negócio, o cara lá é mais melhor..." Irrelevante! Que, para mim, relevante é a dinâmica estrutural, não é? Ou seja, é a correlação de forças entre forças conservadoras inertes do alto carbono, não é? Inerciais, e a forças reformistas que apontam para a descarbonização. E como isso se dá. E cada país, tá? e como isso dá uma síntese que do posicionamento internacional do país uma síntese promissora que pode mudar e a exemplo de mudanças positivas e negativas, não é? sempre... para ver que tudo melhora, Canadá início da década de 90 era um dos países mais progressistas de descarbonização e hoje é o mais atrasado, digamos. Então, mas assim, uma coisa importante também é como se dá a formação de coalizão nacionais, como as forças reformistas da China e dos Estados Unidos, não é, conversem e como

as forças conservadoras dos Estados Unidos e da China também conversam e demais, não é? Ou seja, como se dá a correlação de forças do norte da Europa e do sul da Europa, não é? Porque onde está a fronteira do mundo de descarbonização? no norte da Europa. Alemanha, Escandinávia, não é? E em uma medida um pouco menor, Reino Unido, França e Holanda, digamos assim. Isso eu que **puxo [verificar 57:37]**, eles uma fronteira de descarbonização, digamos, está certo? do mundo, tá? É.. e a União Europeia em posições mais avançadas que os outros por causa destes países do norte. Embora a capacidade de iniciativa da União Europeia foi iludida nos últimos anos pelas crises do Euro. E isso é claro também. Mas ainda, você vê, compara as metas dos Estados Unidos com as metas... As metas dos Estados Unidos de ontem, que Obama, inclusive, teve total rejeição do Congresso, a maioria republicana no congresso é a maior da história desde 1931 e em termos de perfil de mudanças climáticas é o congresso mais conservador desde 2003, 2004 está certo? O que foi feito para aproximar partido em 2015. Então, é... veja bem: Estados Unidos está propondo redução de emissões de 26 a 28% com ano base de 2005. A Europa... A oferta da Europa é redução de emissões de 40% com um ano base de 1990. Se você comparar são dois mundos, digamos. Sem falar da China! Que a meta da China é uma meta muito pouco ambiciosa, digamos. Quase tipo Business **[incompreensível 59:00]**. Olha, se tudo é o mais importante que tem o MIT **[pronúncia de cada palavra em inglês 59:04]**. O MIT anunciava o pico de emissões da China entre 2030 e 2035, digamos, está certo? Bi.. ou seja, na dinâmica atual. Nesse momento 2030 segundo a energia renovável... energia renovável, já a meta da China está embutida. Já faz vários anos que 15% em 2020. Vai ser 20% em 2030, digamos. Então é a... basicamente Obama, presidente "pato-manco", digamos, tá? Ele, de todas as maneiras, ele cede na negociação. Duros, os chineses são duros, ou seja a lógica americana era conseguir um pico das emissões da China em 2020 e 2015 e com números! Está certo? coisa que não tem. Mas outra: Obama cedeu totalmente para uma meta pouco ambiciosa o qual diminui a capacidade de ter apoio político para apoio nos Estados Unidos. Isso independentemente de todo o negócio mais extremo que tem no partido republicano. Mas para... ou seja, o que vai ser? O discurso republicano com fundamento vai ser de que Obama capitulou frente a China, está certo? Então, por isso que a coisa... Mas a meta dos Estados Unidos hoje... A meta da China é muito pouco ambiciosa. A dos Estados Unidos é, vamos dizer, pode considerar ambiciosa, em parte por quê? Particularmente porque os efeitos da queda de emissões dos últimos anos, por causa da revolução do **[incompreensível 1:00:33]** e gás começa a esgotar-se. E não temos nesse momento todo um processo de

reindustrialização dos Estados Unidos, um dos centros disso é a Petroquímica. Está certo? Então, você passa de uma redução de emissão de 17% em 2020 que dá para ser atingido, para 26 a 28% em 2025, requer nova legislação, não apenas [incompreensível 1:00:57], está certo? Então, depende do Congresso. Coisa que não fica para Obama, fica para o futuro. Digamos, não é? Mas o que acontece, meta, realmente, mesmo que seja muito pouco ambiciosa comparado com a União Europeia, mas é lógico, pela dinâmica da atual sociedade quase tudo depende da sociedade, de todas as maneiras, a meta americana é uma meta ambiciosa que vai requerer nova legislação de constrangimento de carbono.

(JM): -Sim.

(EV): - Coisa difícil de passar. Digamos, não é? A meta chinesa, não. A meta chinesa... aí você vê o orçamento do carbono do mundo e que não podemos emitir até o fim do século... até meados! Até o fim do século, mas mil giga toneladas de carbono. Bem, o que a China anunciou até 2030, envolve uma emissão entre 15 e 20 giga toneladas por ano. Então você vê aí, a China até 2030, isso não quer dizer que em 2031 vai ser igual [hesita]ou pouco inferior, para começar. Então, A China continua levando quase todo o orçamento de carbono do planeta. Então, do ponto de vista de defasagem entre a ciência do clima e a economia política do clima, a defasagem o GAP continua sendo grande. Mesmo que seja um avanço. Não há dúvida que é um avanço, mas não é de proporções históricas. Na minha visão, não é de proporções históricas e absolutas. Teria sido se a meta da China fosse mais ambiciosa. Está certo? Mas não é... em última estância foi Obama enfraquecido. Obama vem negociando em segredo... eu não tenho nenhum problema com negociações secretas. Muita gente que trabalha no nível da **Cope** [verificar 1:02:48] e demais, questiona negociações... [riso] Eu acho que o mundo funciona assim, o mundo funciona aí, mas para o acordo ser realmente histórico, precisava de algo que Obama, seguramente, queria núcleo do par... núcleo de... Obama nessa negociação que era tirar da China uma... um compromisso de pico de emissões entre 2020 e 2025. Não é? E com *números!* está certo? Coisa que não conseguiram, mas daí o presidente pato-manco. O legado histórico. Eu vou tentar colocar que eu fiz o mais melhor possível...

(JM): -Sei. Sei.

(EV): - O que vai acontecer com isso eu não sei. Os chineses aproveitaram mantendo dureza e extraindo... Fizeram acordo onde os americanos cederam e os chineses não cederam, digamos. Isso, agora, dá um sinal bom para o mundo, digamos. Ou seja, no sentido de que obriga outros países a avançarem suas ofertas para [**incompreensível 1:03:47**]. De qualquer modo, o acordo para [**incompreensível 1:03:51**] vai ser um acordo genérico. Não legalmente vinculado. Nada... Protocolo de Kyoto era fraco, que não tem dentes! Ou seja, sanção, se você não cumpre, não tem sanção. Tanto que Canadá violou totalmente o acordo, se retirou e não teve nada. Se quer... Bom, agora o acordo este vai ser um acordo. Cada um oferta, faz a suma, mas não é legalmente vinculado. Cada um cumpre o **nó que cerne**, [**verificar 1:04:17**] está certo? Então pareceu um acordo mais... do ponto de vista da sua cons... como constrange o mundo, mais fraco que o protocolo de Kyoto. No ponto de vista de abarcar o planeta inteiro, vai ser muito melhor que o Kyoto que dividiu o mundo artificialmente, que anexou um e não anexou um, digamos. Então, tinha uns países que tinha compromisso, mesmo que fosse cada um mais ou menos o que quiser, e outros que não tinha nenhum compromisso.

(JM): -Claro.. Professor, uma última pergunta...

(EV): - Não, olhe, pode.. eu tenho tempo se você quiser...

(JM): - Eu já cumpri boa parte do roteiro...

(EV): - Ah tá!

(JM): - Uma pergunta que a gente sempre faz é como o senhor vê hoje a sua área de pesquisa hoje, digamos assim, mudança climática, ciências sociais de uma maneira mais geral, no Brasil e até em outro contexto, no mundo. Como é que está a área, aqui?

(EV): - Bom, mais ou menos, deixa eu te colocar assim. Ciências Sociais em general.. geral e mudança climática. É, tem, se expandiu muito a quantidade de pessoas interessadas é... estudantes de doutorado, mestrado, professores mais jovens... Mas a qualidade da pesquisa é muito heterogênea. Está certo? E essa pesquisa tem um problema de enfoque, que é um problema que é o seguinte: que a maioria das pessoas veem um pouco políticas subnacionais

brasileiras, por exemplo. Locais, dinâmicas locais, de diversos tipos de nacional. Mas eles tem uma compreensão fraca, uma formação fraca no problema global. Então, você trabalha com um problema que é dimensões globais mas com um enfoque, por um paradigma que é muito mais provinciano, brasileiro, por exemplo. Está certo? Então, esse é um problema, ou seja, precisaria de um gran... precisa ser mais internacionalizada as ciências sociais. Não estou falando da [incompreensível 1:06:31] das relações internacionais [incompreensível 1:06:33] brasileiro. Precisaria ser mais internacionais. Esse é um problema geral. O Brasil tem uma ciência social bastante... Como um país continental, bastante voltada para dentro, digamos. Então, essa seria uma coisa. Do ponto de vista da comunidade de Relações Internacionais eu diria o seguinte: é... ela.. assim, a pesquisa ela tem legitimidade, tem, também, muito interesse internacionalistas, estudantes de doutorado, no mestrado sobre a mudança climática, mas aqui o problema seria este outro: o enfoque excessivamente pautado pela teoria do regimes internacionais. E excessivamente focado nas... na.. em uma coisa setorial de negociação multilateral. E pouca compreensão da política de poder sistêmico, digamos, não é? E como momento decisivo às grandes potências, está certo? Então, se é um problema da pesquisa que tem é sobre mudança climática nas relações internacionais. Bem, no mundo, na área de Relações Internacionais, nós temos basicamente sobre mudança climática em Relações Internacionais, nós temos duas comunidades no mundo. Uma comunidade é a comunidade que faz mudança climática que vem das relações internacionais, por exemplo, o grupo a seção ambiental da **internacional association** [verificar 1:8:22] que é uma das seções mais importantes, se reúne todos os anos, faz anos, tem muito prestígio. Bom, essa, nessa área, você tem, também, ainda um forte peso, na minha opinião, de uma visão muito mais setorial, está certo? É... são pessoas **que trabalharam** [incompreensível 1:08:46] só que não na esca.. não é um problema é uma esca... o problema é muito menor do que é aqui na comunidade brasileira de relações internacionais. Depois você tem todo o que se chama comunidade de ciências sociais do global environmental change. Está certo? que é uma comunidade que tem muito, mas tende a ser muito [incompreensível 1:09:10] com ingenuidade de política de [incompreensível 1:09:11]. Então, essa pessoa de repente [riso] tem que fazer aquilo não estudam coalizões. O que é que seria... o que é que teria que mudar na dinâmica de poder e de coalizões e de forças, para as coisas mudarem. Está certo? Então esse é um problema. Por outro lado, nós temos uma, na área, o mestre em Relações Internacionais no mundo, ele é... vamos dizer, ainda... ele reconhece que esse é um problema forte. Mas ele não incorpora

decisivamente na... Se está cheia de análises dinâmica o sistema internacional, que tem a ver com economia e segurança. E aparece em determinado momento "ah, problemas globais como mudança climática são fundamentais!" Como se você visse alguma coisa, mas ele não está internalizado no sistema igualmente, digamos. Está certo? Este é o tipo de problema que eu tento abordar todo nesse livro. Então, eu vejo isso agora, vamos dizer, o tema da mudança climática tende a ser um tema cada vez mais central na pesquisa de relações internacionais e na pesquisa de Ciências Sociais. Isso... ele cresce, está certo? Ele é inclusive uma... não é um nicho para desenvolver uma carreira quando havia um de certo, digamos. Não é mais assim. É que já tem muita gente, mas ainda é um lugar onde tem ainda possibilidades de desenvolvimento maior que em outras áreas. Ou seja, tem menos densidade de pesquisadores e a importância.. comparado com a importância do tema, digamos, ou seja, que em outras áreas de relações internacionais. Embora é muito diferente do que há 3 anos atrás. Aí ainda era uma fronteira. Está certo? Então, que mais que posso dizer? É...

(JM): - Teria algum journal, assim, que você localiza como "pô, ali estão os debates mais relevantes"...

(EV): - Sim, sim, sim. Algum que é central. Em primei... Global Environmental Politics. Esse publicada... esse é um Journal top do mundo, é recente! tem apenas... eu fui membro do conselho editorial durante 5 anos, isso é rotativo, tudo, não é? Esse é o mais importante do mundo, digamos. Mesmo porque tem uma taxa de rejeição de 90%, digamos [riso]. Para ter uma ideia... Então, depois tem um outro que chama muito importante hoje, oriinalmente de Ciência Política, mas tem muita ciência política de mudança... de mudança climática que Environmental Politics. Depois tem um outro que chama, muito importante, interdisciplinar, que chama Global Environmental Change, tá? Tem vários! Hoje tem muitos journals assim... Você vai encontrar hoje publicado, tanto em journals focal da temática, como em journals geral de Relações Internacionais que não estão focados na temática. Vai encontrar sempre publicações que são sobre mudança climática. Isso é muito diferente do que poderia ser em 15 anos atrás.

(JM): -Está certo. Professor, uma última questão que sempre...

(EV): - Não, não, pode ficar tranquilo que até à uma eu estou à disposição, digamos.

(JM): - Redes sociais: você se preocupa em ter alguma presença? Facebook, twitter...

(EV): - Não, não. Não tenho! Não tenho, porque eu apenas dou conta de responder e-mail.

(JM): - Já é muito.

(EV): - É muito para mim, então essa é uma cultura que eu não, eu até posso... Eu conheço através de meu filho essa cultura. Eu até posso ter uma visão arcaica do problema, digamos assim, é errada, porque sou um pessoa, digamos, já, sênior, não entende esse tipo... Mas pelo que eu entendo, a minha... se eu entrasse nessa cultura, a efetividade, a minha capacidade em formar opinião diminuiria ao invés de aumentar, digamos, está certo? Então, eu acho que o negócio meu, digamos, ou seja, uma coisa que eu nunca fiz, só esporadicamente, publicar artigos em jornais, está certo? Isso seria se eu quisesse ter mais influência tentaria escrever mais artigos de jornais. Isso seria um caminho, mas nas redes sociais eu não vejo. Eu não tenho nem... é uma cultura que... e eu acho que, pelo que eu vejo [riso] pelo mundo do meu filho [incompreensível 1:14:16] que ele tem disso aí, em nível de dispersão de energia gigantesca nas redes sociais.

(JM): - Tá bom.

(EV): - Não sei se você utiliza muito redes sociais?

(JM): - Não, eu tenho só twitter. Eu sigo notícias, mas facebook, eu estou fora. Só cuido da minha mãe, que já está mais velha, eu cuido para ela.

(EV): - Você cuida do Facebook dela? Mas a tua formação, qual é?

(JM): - Eu sou sociólogo. Enfim.

(EV): - Formado onde?

(JM): -No Iuperj.

(EV): - No Iuperj? Ah, está certo. Quem foi teu orientador?

(JM): - Primeiro foi Werneck Vianna. Depois a Maria Alice Rezende. Que era parceira dele...

(EV): - Ah, sim. sim. E você trabalha com....?

(JM): - Eu trabalhava com... na área de pensamento social brasileiro, história das ciências sociais no Brasil.

(EV): - Bom, você sabe que tem um livro importantíssimo sobre pensamento social brasileiro e meio ambiente que eu deixei [**incompreensível 1:15:07**]

(JM): -Sim, sim.

(EV): - Eu fui da banca de tese dele.

(JM): -Está na minha listinha de entrevista, inclusive.

(EV): - Ah, claro, claro. Ele é uma pessoa, assim, bem.. bem...

(JM): -Estive recentemente com ele ano passado... Deixa eu interromper aqui só.

[FIM DO DEPOIMENTO]